O ENSINO DE INGLÊS COMO TERCEIRA LÍNGUA PARA SURDOS

THE TEACHING OF ENGLISH AS A THIRD LANGUAGE FOR THE DEAF

LA ENSEÑANZA DEL INGLÉS COMO TERCERA LENGUA PARA PERSONAS SORDAS

Bruna Tatsumi Narazaki¹
Marcelly Mesquita²

Resumo

A educação de surdos permanece como um tema de grande relevância e ampla discussão, considerando os múltiplos desafios e oportunidades presentes no processo de ensino e aprendizagem. A inserção de alunos surdos em salas de aula representa uma chance única para o desenvolvimento de conhecimentos diversificados, incluindo o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como a aprendizagem de outras línguas, como o Inglês. Contudo, para que esse processo seja eficaz, é imprescindível que os docentes utilizem metodologias e estratégias pedagógicas adequadas às necessidades dos alunos, especialmente no contexto da Libras, permitindo que os estudantes superem as dificuldades relacionadas às disciplinas. Além disso, é fundamental compreender a perspectiva dos alunos surdos em relação ao aprendizado da língua inglesa e o impacto que essa aquisição pode ter para a comunidade surda. Investigar e refletir sobre as especificidades que envolvem o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa para surdos é essencial para fomentar práticas pedagógicas mais inclusivas. Espera-se que essas reflexões contribuam para o desenvolvimento de conteúdos adaptados, mas também incentivem futuras pesquisas no campo da linguística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras para surdos. Com isso, torna-se possível apresentar abordagens pedagógicas que respondam às demandas dessa área.

Palavras-chave: surdos; língua inglesa; Libras.

Abstract

Deaf education remains a topic of great relevance and extensive discussion, considering the multiple challenges and opportunities present in the teaching and learning process. The inclusion of deaf students in classrooms represents a unique opportunity for the development of diverse knowledge, including learning of Brazilian Sign Language (Libras), as well as other languages, such as English. However, for this process to be effective, it is essential that teachers use methodologies and pedagogical strategies appropriate for the students' needs, especially in the context of Libras, enabling them to overcome difficulties related to school subjects. Furthermore, it is crucial to understand the perspective of deaf students regarding the learning of the English language and the impact this acquisition may have on the deaf community. Investigating and reflecting on the specificities involved in the teaching and learning of English for the deaf is essential to foster more inclusive pedagogical practices. These reflections are expected to contribute not only to the development of adapted content, but also to encourage further research in the field of applied linguistics for teaching foreign languages to the deaf. This makes it possible to present pedagogical approaches that meet the demands of this area.

Keywords: deaf students; English language; Libras.

Resumen

La educación de personas sordas sigue siendo un tema de gran relevancia y amplia discusión, considerando los múltiples desafíos y oportunidades presentes en el proceso de enseñanza y aprendizaje. La inclusión de estudiantes sordos en las aulas representa una oportunidad única para el desarrollo de conocimientos diversos, incluyendo el aprendizaje de la Lengua de Señas Brasileña (Libras), así como de otros idiomas, como el inglés. No obstante, para que este proceso sea eficaz, es imprescindible que los docentes utilicen metodologías y estrategias pedagógicas adecuadas a las necesidades de los estudiantes, especialmente en el contexto de Libras, permitiendo que superen las dificultades relacionadas con las asignaturas escolares. Además, es fundamental comprender la

¹ Professora no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Professora no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

perspectiva de los estudiantes sordos respecto al aprendizaje del idioma inglés y el impacto que esta adquisición puede tener en la comunidad sorda. Investigar y reflexionar sobre las especificidades que implica la enseñanza-aprendizaje del inglés para personas sordas es esencial para fomentar prácticas pedagógicas más inclusivas. Se espera que estas reflexiones contribuyan no solo al desarrollo de contenidos adaptados, sino también al incentivo de futuras investigaciones en el campo de la lingüística aplicada a la enseñanza de lenguas extranjeras para sordos. De este modo, es posible presentar enfoques pedagógicos que respondan a las demandas de esta área.

Palabras clave: personas sordas; lengua inglesa; Libras.

1 Introdução

O Brasil enfrenta diversos desafios na educação de grupos minoritários, que afetam diretamente a escolarização de alunos surdos. Historicamente o acesso ao conhecimento e ao ensino desses estudantes foi limitado e apenas há menos de duas décadas, com a promulgação de legislações específicas, houve o reconhecimento de suas particularidades e o respeito às suas demandas.

É notável que as necessidades educacionais dos alunos surdos têm crescido significativamente ao longo dos anos. No caso da aprendizagem da Língua Inglesa, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) desempenha um papel protagonista, sendo um recurso indispensável para facilitar o processo pedagógico. Além de promover o aprendizado do português escrito, a Libras também se demonstra eficaz para o ensino da Língua Inglesa aos surdos.

O conceito de língua estrangeira refere-se a qualquer língua que não é a língua nativa de um falante. Essa língua é geralmente aprendida em um contexto educacional ou por meio de imersão cultural. O aprendizado de uma língua estrangeira envolve a aquisição de habilidades em diversas áreas, como fala, escrita, compreensão auditiva e leitura.

As línguas estrangeiras são importantes para a comunicação intercultural, pois permitem que as pessoas se conectem além das barreiras linguísticas e culturais. Além disso, o domínio de uma língua estrangeira pode abrir oportunidades acadêmicas e profissionais, facilitando o acesso a novas culturas e conhecimentos. Em contextos educacionais, o ensino de línguas estrangeiras visa não apenas a fluência linguística, mas também a compreensão das nuances culturais associadas à língua em questão.

Conforme garantido constitucionalmente, o uso de Libras nas instituições de ensino brasileiras é um direito. Essa inclusão contribui para superar barreiras de comunicação entre surdos e outras pessoas, possibilitando a implementação da comunicação social. Por meio da língua de sinais, os alunos têm a oportunidade de aprender não apenas a língua portuguesa, mas também outros idiomas, como o inglês, enriquecendo suas experiências linguísticas e acadêmicas.

2 O ensino de inglês como terceira língua para surdos

O ensino e a aprendizagem da língua inglesa para estudantes surdos têm como elemento central a mediação pela Língua Brasileira de Sinais (Libras), que ainda é relativamente recente no cenário educacional brasileiro. Ao longo da história da educação de surdos no país, a percepção acerca das línguas de sinais oscilou entre duas perspectivas opostas: inicialmente, a sua total desconsideração como uma língua legítima, o que contribuiu para a exclusão dos surdos do processo educacional; mais tarde, com o reconhecimento de seu status linguístico, a Libras foi incorporada de maneira mais consistente na educação, marcando avanços significativos.

De acordo com Fernandes e Rios (1998), adotar uma abordagem educacional bilíngue, baseada na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e no português escrito, significa reconhecer que a educação está profundamente inserida no contexto social e político de uma comunidade e, por isso, deve ser tratada com respeito e consideração. Sob essa perspectiva, o processo educacional não deve ter como objetivo apenas a integração da pessoa surda à comunidade ouvinte, mas promover uma relação recíproca. Ou seja, é essencial que o indivíduo surdo esteja plenamente integrado tanto em sua própria comunidade quanto na sociedade ouvinte, ao mesmo tempo em que os ouvintes que interagem com ele também se conectem com ambas as comunidades.

Quando ampliamos essa visão para o ensino do inglês como terceira língua, a proposta de bilinguismo se expande para trilinguismo, no qual o aluno surdo desenvolve habilidades em Libras, português e inglês escritos. Nesse contexto, é fundamental considerar metodologias que respeitem a identidade e a forma de aprendizado desses alunos, utilizando abordagens visuais, materiais adaptados e estratégias interativas que permitam a compreensão eficaz do novo idioma.

Para Canagarajah e Liyanage (2012), observa-se que, na prática social, indivíduos considerados monolíngues frequentemente interagem e navegam entre diferentes sistemas linguísticos, registros e formas discursivas. Dessa maneira, as definições tradicionais de língua nacional e língua estrangeira são contestadas dentro de uma abordagem translíngue, que propõe uma visão mais dinâmica e fluida da comunicação.

Relacionando essa ideia com o ensino de Inglês para surdos, a perspectiva translíngue pode ser especialmente relevante, pois rompe com a ideia de que aprender um idioma se dá exclusivamente dentro de um sistema fechado e rígido. Para alunos surdos, que frequentemente transitam entre a Libras e o português escrito, a introdução do Inglês como uma terceira língua pode seguir princípios translíngues, permitindo que o aprendizado aconteça de maneira mais flexível e integrada.

Ao invés de exigir uma separação rígida entre os idiomas, uma abordagem translíngua valoriza as interações naturais e a adaptação linguística dos alunos surdos, reconhecendo que eles já possuem estratégias próprias para navegar entre diferentes formas de comunicação. Assim, no ensino do inglês, métodos visuais e contextuais, como legendas, recursos multimodais e trocas interativas em *chats* e fóruns, podem favorecer o aprendizado sem desconsiderar as particularidades da comunicação dos surdos.

Essa abordagem também incentiva um ambiente de aprendizado mais colaborativo, em que a língua inglesa não é vista como um desafio isolado, mas como parte de um repertório linguístico mais amplo que já inclui Libras e português. Ao permitir que alunos surdos façam uso de todos os recursos linguísticos disponíveis, o ensino de inglês se torna mais acessível, promovendo uma inclusão real.

Já o conceito de terceira língua ou língua adicional refere-se a uma língua que é aprendida por um falante que já possui uma língua nativa (primeira língua) e, possivelmente, uma segunda língua. Em outras palavras, a terceira língua é aquela que o indivíduo aprende após já ter adquirido fluência em pelo menos duas outras línguas.

O aprendizado de uma terceira língua pode ocorrer por diversos motivos, como interesse pessoal, necessidades acadêmicas ou profissionais, ou pela influência de fatores sociais e culturais. A aquisição de uma terceira língua pode ser influenciada pelas habilidades linguísticas já desenvolvidas nas línguas anteriores, o que pode facilitar o processo de aprendizagem.

Além disso, o conceito de terceira língua também se aplica em contextos educacionais em que se busca promover a multilinguagem e a diversidade cultural, permitindo que os indivíduos se comuniquem em mais de uma língua além da sua língua materna. Esse aprendizado é particularmente relevante em um mundo globalizado, onde a comunicação entre diferentes culturas é cada vez mais necessária.

O ensino do Inglês como terceira língua fortalece ainda mais a autonomia e a participação dos alunos surdos no cenário global, possibilitando que acessem novas oportunidades educacionais, culturais e profissionais. Além disso, ao aprender um terceiro idioma, os alunos ampliam seu repertório linguístico e suas formas de comunicação, potencializando sua inserção em diferentes contextos sociais. Essa abordagem também reforça a importância da inclusão no ensino de línguas, garantindo que as pessoas surdas tenham acesso às mesmas possibilidades de desenvolvimento que os ouvintes.

Dessa forma, a educação trilingue, ao integrar Libras, português e inglês escritos, promove uma interação dinâmica entre surdos e ouvintes, reforçando a necessidade de adaptação e respeito mútuo. Além de contribuir para uma sociedade mais inclusiva, essa

metodologia valoriza a diversidade linguística e cultural, tornando o aprendizado mais significativo e acessível para todos.

Para Gesser (2009), a escrita é uma competência cognitiva que exige esforço e prática de todos os indivíduos, independentemente de sua condição auditiva, origem social ou gênero, sendo geralmente adquirida por meio da instrução formal. No entanto, como a escrita está intrinsecamente ligada à fonética da língua oral, os surdos enfrentam um desafio adicional: interpretar e compreender essa estrutura sonora que não lhes é acessível auditivamente. Para eles, os elementos fonéticos da escrita podem parecer abstrações, tornando o processo de aprendizado mais complexo.

Fazendo uma análise comparativa dessa questão com o ensino de inglês como terceira língua para surdos, é essencial reconhecer que a dificuldade na escrita pode se intensificar quando esses alunos precisam aprender um idioma que possui regras fonológicas distintas do português. No ensino de Inglês para surdos, a abordagem tradicional baseada na correspondência entre som e grafia precisa ser adaptada para estratégias visuais, contextuais e multimodais que valorizem a estrutura da língua sem exigir um processamento auditivo. Nesse sentido, metodologias alternativas podem ser implementadas para facilitar o aprendizado da escrita em inglês. Além disso, ao entender o Inglês como uma terceira língua — após Libras e português escrito — o ensino pode enfatizar associações semânticas e sintáticas, reduzindo o foco nos aspectos fonéticos que não são perceptíveis para os surdos.

A perspectiva translíngua também pode ser uma aliada, permitindo que os alunos surdos utilizem todas as suas competências linguísticas de forma integrada. Em vez de tentar reproduzir a fonética inglesa de maneira convencional, a abordagem translíngua respeita e aproveita o conhecimento prévio dos alunos, incentivando formas naturais e significativas de comunicação escrita. Dessa forma, ao ensinar inglês como terceira língua para surdos, é fundamental reconhecer e superar as dificuldades impostas pela relação fonética da escrita.

Com a promulgação da Lei Federal n.º 10.436/2002, a Libras foi oficialmente reconhecida como “meio legal de comunicação e expressão” utilizado pelas comunidades surdas no Brasil. Posteriormente, o Decreto n.º 5.626/2005 veio para regulamentar essa legislação, estabelecendo diretrizes importantes, como o reconhecimento da Libras como manifestação cultural primordial da comunidade surda e a definição do português escrito como uma segunda língua. Esses marcos legais representaram conquistas históricas, alicerçando as bases para a inclusão educacional.

No entanto, apesar desses avanços, a legislação não aborda especificamente o ensino de Línguas Estrangeiras (LE) para surdos. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDBEN), Lei n.º 9.394/1996, é obrigatório incluir, a partir do sexto ano, pelo menos uma língua estrangeira moderna no currículo escolar, cuja escolha cabe à comunidade escolar. Assim, na educação de surdos, além do ensino de Libras como Primeira Língua (L1) e do português como Segunda Língua (L2), é necessário contemplar também uma Terceira Língua (L3), como o Inglês. Isso cumpre as diretrizes legais, mas também promove benefícios socioculturais, cognitivos e profissionais para esses estudantes.

De acordo com Miccoli (2005), o aprendizado de uma língua estrangeira, especialmente para estudantes surdos, deve ser orientado para atender às demandas da sociedade contemporânea. Isso permite que esses alunos não apenas adquiram conhecimentos linguísticos, mas também se posicionem de forma ativa e significativa no contexto social e contribuam para o progresso da coletividade. Essa visão ressalta a importância de oferecer uma formação linguística que transcenda o simples domínio técnico e permita uma participação plena no desenvolvimento social.

Nessa perspectiva, é fundamental reconhecer que a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um meio de inclusão, expressão cultural e interação social. No caso dos surdos, aprender uma língua estrangeira pode ser um desafio adicional, dada a necessidade de conciliar sua língua de sinais nativa com a estrutura e as nuances da língua estrangeira. Porém, é justamente por essa complexidade que a educação deve ser adaptada para garantir um aprendizado eficaz e significativo.

Para Berthier (1845), a surdez física é irrelevante diante de uma mente que se dispõe a escutar e compreender. O que realmente impede o progresso e a comunicação não é a ausência da audição, mas a resistência da mente em se abrir para novas formas de interação e aprendizado. A verdadeira surdez, aquela que é imutável, encontra-se na incapacidade de aceitar, acolher e adaptar-se (Berthier, 1845 *apud* Gesser, 2009). Relacionando ao ensino de língua inglesa para surdos, essa citação nos convida a refletir sobre as barreiras mentais que, muitas vezes, dificultam o aprendizado e a inclusão de alunos surdos no ensino de línguas estrangeiras. No contexto do ensino de Inglês para surdos, ela reforça a importância de romper preconceitos e limitações que possam impedir uma abordagem educacional mais eficaz. A surdez física não deve ser vista como um obstáculo insuperável, mas como uma característica que exige estratégias adaptativas e metodologias específicas.

Para alunos surdos, a aquisição de uma língua estrangeira, como o Inglês, depende de ferramentas que contemplem sua realidade linguística e cultural. Métodos visuais, como o uso de vídeos, imagens, legendas e a Língua de Sinais, são fundamentais para criar conexões significativas entre o aluno e o novo idioma.

A reflexão de Berthier (1845) também sublinha a necessidade de uma mente aberta por parte dos educadores e da sociedade como um todo. O ensino de Inglês para surdos não deve ser visto como um esforço para “normalizar” ou integrar os alunos surdos ao mundo ouvinte, mas como uma oportunidade de empoderá-los, reconhecendo sua identidade e suas capacidades. A inclusão ocorre quando todos — educadores, alunos e sociedade — se dispõem a compreender e valorizar as diferentes formas de comunicação e interação.

Portanto, ao ensinar Inglês para os alunos surdos, é crucial ir além das barreiras físicas e considerar as dimensões sociais e culturais envolvidas. Essa abordagem holística enriquece o processo educacional, bem como transforma o ambiente de aprendizado em um espaço onde a mente ouve, compreende e abraça a diversidade.

O ensino de Inglês como terceira língua para alunos surdos apresenta uma série de desafios que podem dificultar a aprendizagem e a fluência nesse idioma. Esses desafios abrangem aspectos linguísticos, pedagógicos e sociais. A principal dificuldade enfrentada por alunos surdos ao aprender Inglês reside nas barreiras linguísticas. Muitos surdos têm como primeira língua a Libras, que possui estruturas gramaticais e lexicais distintas do português e do inglês. Essa diferença pode gerar confusão ao tentar transferir o conhecimento adquirido em Libras para o aprendizado de uma nova língua. Além disso, o vocabulário em Inglês pode ser complexo devido à sua natureza abstrata, dificultando a compreensão.

Outro desafio significativo é a escassez de materiais didáticos adaptados para surdos. Muitas vezes, os recursos disponíveis não consideram as necessidades específicas dos alunos surdos. Essa falta de acessibilidade pode levar à desmotivação e à dificuldade em compreender o conteúdo. Ademais, a maioria dos educadores que ensinam Inglês para alunos surdos não possuem formação específica em Libras ou em metodologias inclusivas. Isso pode resultar em uma abordagem pedagógica inadequada que não atende às necessidades desses alunos, comprometendo a eficácia do ensino.

Os alunos surdos também enfrentam o isolamento social, tanto na sala de aula quanto fora dela. A falta de interação com outros falantes da língua pode limitar a prática do Inglês escrito e a aplicação do conhecimento adquirido em situações reais, prejudicando o desenvolvimento da fluência. Para enfrentar esses desafios, algumas estratégias podem ser implementadas. Uma das mais eficazes é utilizar a Libras como língua intermediária para ensinar Inglês. Professores podem fazer conexões entre as duas línguas, utilizando conceitos já conhecidos pelos alunos surdos para introduzir novos vocabulários e estruturas gramaticais do Inglês. Essa abordagem ajuda a reduzir as barreiras linguísticas e facilita a compreensão.

A criação e utilização de materiais didáticos acessíveis são essenciais para promover um aprendizado eficaz que estimulem o uso do inglês em contextos práticos. O desenvolvimento desses recursos deve considerar as especificidades da aprendizagem dos alunos surdos. Investir na formação continuada dos professores é fundamental para garantir que eles estejam preparados para ensinar inglês a alunos surdos. Cursos sobre Libras, metodologias inclusivas e uso de tecnologias assistivas podem equipar os educadores com as ferramentas necessárias para criar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e eficaz.

Criar oportunidades para que os alunos surdos interajam entre si e com falantes nativos de inglês é crucial para o desenvolvimento da fluência desse novo idioma escrito. Atividades extracurriculares, grupos de conversação escrita e intercâmbios culturais podem proporcionar experiências práticas que ampliam o uso do idioma no cotidiano. Além disso, é importante oferecer *feedback* constante e personalizado aos alunos durante o processo de aprendizagem. Isso inclui reconhecer suas conquistas, identificar áreas que precisam ser trabalhadas e adaptar as estratégias conforme necessário. Um acompanhamento individualizado pode aumentar a confiança dos alunos no uso do Inglês.

O ensino de Inglês como terceira língua para alunos surdos é um desafio que requer uma abordagem cuidadosa e adaptativa por parte dos educadores. Ao reconhecer as barreiras enfrentadas por esses alunos e implementar estratégias inclusivas, é possível promover um aprendizado que respeite suas particularidades linguísticas e culturais. Com um ambiente educativo mais acessível e acolhedor, os alunos surdos podem desenvolver suas habilidades no Inglês, enriquecendo sua comunicação intercultural e expandindo suas oportunidades acadêmicas e profissionais.

Uma abordagem pedagógica adequada deve levar em conta os aspectos linguísticos e os contextos culturais e sociais que permeiam o ensino da língua estrangeira. Para os surdos, isso inclui métodos visuais e interativos, como o uso de tecnologia e materiais adaptados, que estimulem a compreensão e a prática. Dessa forma, o aprendizado deixa de ser um processo isolado e passa a ser uma experiência integrada que reconhece e respeita a identidade cultural dos estudantes. Além disso, garantir que os alunos surdos tenham acesso a oportunidades para aprender línguas estrangeiras é um passo importante para promover a igualdade de oportunidades. No mundo globalizado, o domínio de outra língua abre portas para melhores perspectivas de emprego, trocas culturais e participação em discussões internacionais.

Assim, o papel da sociedade e do sistema educacional é criar um ambiente no qual o aprendizado da língua estrangeira seja não apenas acessível, mas também significativo para

todos os alunos. Reconhecer que os surdos têm um papel vital no desenvolvimento da sociedade é essencial para que possamos construir uma comunidade mais dinâmica.

O estudo de línguas estrangeiras, como o Inglês, é amplamente reconhecido por sua importância em documentos oficiais e na academia, considerando aspectos como o acesso a outras culturas, ampliação da visão de mundo e preparo para o mercado de trabalho. Embora possa parecer dispensável no contexto dos surdos, é fundamental reconhecer que o aprendizado de uma terceira língua não deve ser visto como uma substituição das línguas nacionais, mas como uma experiência complementar que valoriza a diversidade linguística e cognitiva.

Dado que os surdos compreendem e interagem com o mundo principalmente por meios visuais, conforme estipulado pelo Decreto n.º 5.626, o ensino de inglês para esses estudantes deve priorizar metodologias como a Instrumental. Essa abordagem, voltada para a leitura e compreensão textual, atende a propósitos específicos, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades funcionais no idioma. Esse método é particularmente valioso, pois substitui a ênfase nas habilidades orais (*speaking*) e auditivas (*listening*), que são desafios para a comunidade surda, por um foco em estratégias de leitura e interpretação.

A influência da língua de sinais no aprendizado do Inglês é um tema complexo, que envolve aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. A língua de sinais, como a Libras no Brasil, é uma língua visual-espacial com suas próprias regras gramaticais e lexicais, distinta das línguas orais, como o Inglês. Para alunos surdos, a aprendizagem de um idioma oral como o inglês pode ser desafiadora, porém nosso foco está na aprendizagem da língua escrita e a presença da língua de sinais desempenha um papel crucial nesse processo.

É importante considerar que a língua de sinais oferece uma base linguística sólida para os alunos surdos. A Libras é uma língua completa e rica em expressões e significados. Quando os alunos surdos têm acesso à sua língua materna, eles podem utilizar essa base para aprender novas línguas. A transferência de conhecimentos da Libras para o Inglês pode facilitar a compreensão de conceitos gramaticais e vocabulários. Por exemplo, muitos sinais em Libras podem ser utilizados como anáforas ou referências que ajudam os alunos a conectarem ideias ao aprender novas estruturas em Inglês.

Além disso, o uso da língua de sinais durante as aulas de Inglês contribui para um aprendizado mais significativo. Professores que utilizam Libras para ensinar vocabulário e gramática em Inglês podem criar analogias visuais que tornam as novas informações mais acessíveis. Por exemplo, ao ensinar palavras relacionadas às emoções ou ações, o professor pode usar sinais que representem essas ideias, facilitando a conexão entre a forma visual da

Libras e as palavras em Inglês. Isso ajuda na memorização do vocabulário e melhora a compreensão geral do conteúdo apresentado.

Outro aspecto importante é o papel da interação social na aprendizagem de línguas. Alunos surdos frequentemente enfrentam barreiras sociais que limitam suas oportunidades de praticar o Inglês em contextos reais. A inclusão da língua de sinais nas aulas cria um ambiente mais colaborativo, onde os alunos se sentem mais à vontade para se expressar. Esse ambiente inclusivo estimula a prática do Inglês por meio de diálogos escritos e atividades interativas que utilizam tanto a Libras quanto o Inglês na sua modalidade gráfica. A interação com colegas que também usam Libras permite que os alunos compartilhem experiências e aprendizados, reforçando seu desenvolvimento linguístico.

A familiaridade com a língua de sinais também impacta positivamente a motivação dos alunos surdos no aprendizado do Inglês. Quando os educadores reconhecem e valorizam a cultura surda e sua língua materna, os alunos se sentem mais integrados e respeitados no ambiente escolar. Essa valorização pode aumentar sua autoestima e confiança ao aprender uma nova língua. Além disso, quando veem exemplos práticos de como o Inglês pode ser utilizado na vida cotidiana ou em contextos culturais relevantes, eles se tornam mais engajados.

É fundamental também considerar as metodologias pedagógicas que incorporam a língua de sinais no ensino do Inglês. Métodos que promovem o bilinguismo — em que tanto a Libras quanto o inglês são ensinados como línguas complementares — têm mostrado resultados positivos no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos surdos.

Por outro lado, é essencial estar ciente dos desafios que podem surgir nesse processo. A falta de formação adequada para professores que ensinam Inglês para alunos surdos pode levar a abordagens ineficazes que não consideram as particularidades linguísticas dos estudantes. Além disso, nem todos os professores têm conhecimento suficiente sobre Libras, o que pode limitar sua capacidade de fazer conexões significativas entre as duas línguas.

A influência da língua de sinais no aprendizado do Inglês é significativa. A utilização da Libras como ferramenta pedagógica facilita o entendimento gramatical e lexical do inglês e promove um ambiente social positivo onde os alunos surdos podem se sentir valorizados e motivados. A implementação de práticas educativas inclusivas que reconheçam a importância da língua de sinais é crucial para garantir que os alunos surdos tenham acesso ao aprendizado do Inglês e possam desenvolver suas habilidades linguísticas de maneira eficaz. Ao fazer isso, enriquecemos suas experiências educacionais enquanto contribuimos para uma sociedade mais diversificada na comunicação intercultural.

O uso da Libras como língua intermediária no processo de ensino-aprendizagem é um tema que merece destaque, especialmente em contextos educacionais que envolvem alunos surdos e ouvintes. A Libras, sendo uma língua visual-espacial com sua própria estrutura gramatical e léxica, atua como um recurso valioso e indispensável para facilitar a comunicação e a compreensão entre diferentes grupos linguísticos.

É importante destacar que, historicamente, os livros didáticos foram a principal base para o ensino de línguas, mas, no caso dos surdos, eles apresentaram limitações. Muitas vezes, a gramática normativa foi a única forma reconhecida como adequada, deixando de lado as variações linguísticas que refletem a realidade desses estudantes. No entanto, as mudanças perceptíveis na linguagem dos surdos, aliadas ao uso de tecnologias e novas plataformas digitais, têm transformado o processo de aprendizagem. Ferramentas *on-line*, abreviações adaptadas à língua de sinais e o avanço de *softwares* educativos têm favorecido uma maior integração entre educação e tecnologia.

A Libras deve ser utilizada como uma ponte comunicativa entre alunos surdos e ouvintes em diversos ambientes, desde salas de aula até reuniões comunitárias. Quando professores ou intérpretes utilizam a Libras para traduzir conteúdos orais em português ou inglês, eles proporcionam acesso à informação para os alunos surdos e promovem um ambiente mais inclusivo. Essa prática ajuda a quebrar barreiras linguísticas e culturais, permitindo que alunos de diferentes origens se conectem e colaborem mais efetivamente.

Portanto, fica evidente que o ensino de Inglês para surdos no Brasil está em constante transformação, impulsionado por avanços tecnológicos e mudanças nas práticas pedagógicas. Embora ainda existam desafios, como a adaptação de materiais e métodos às necessidades específicas dos estudantes surdos, o progresso alcançado destaca o potencial de uma abordagem inclusiva e inovadora na construção de um ensino de língua inglesa mais acessível.

3 Metodologia

A metodologia empregada no desenvolvimento deste estudo baseou-se amplamente nos princípios delineados por Lakatos e Marconi (2003). Essa abordagem metodológica foi escolhida por sua robustez e clareza na estruturação de pesquisas científicas, oferecendo uma base sólida para a execução das etapas necessárias ao alcance dos objetivos propostos.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, considerada um dos principais pilares da metodologia científica. Esse processo consistiu em identificar, selecionar e analisar autores e textos fundamentais para a fundamentação teórica e prática do trabalho. As obras

consultadas estão devidamente referenciadas ao final do estudo, garantindo transparência e rigor acadêmico. O levantamento bibliográfico permitiu a obtenção de informações pertinentes e relevantes ao tema abordado, formando uma base consistente para a construção do trabalho.

Posteriormente, com os dados coletados durante a pesquisa bibliográfica, foi possível elaborar uma revisão bibliográfica detalhada. Essa etapa teve como objetivo aprofundar a análise crítica dos materiais selecionados, destacando as contribuições mais significativas dos autores sobre a temática em questão. A revisão bibliográfica sintetizou as informações encontradas, bem como permitiu identificar lacunas no conhecimento existente e correlacionar os pontos mais relevantes com os resultados da pesquisa realizada.

Ao longo do estudo, foram evidenciados os principais pontos relacionados à temática abordada, buscando correlacionar os resultados obtidos com as hipóteses previamente estabelecidas. Essa etapa foi crucial para garantir que as conclusões do trabalho fossem embasadas em dados sólidos e interligados com o objetivo central da pesquisa. Além disso, foi possível destacar questões importantes, promovendo reflexões sobre o tema e ampliando a compreensão dos aspectos investigados.

O método de pesquisa foi definido de forma estratégica, visando encontrar subsídios teóricos e práticos capazes de confirmar ou refutar as hipóteses levantadas. A escolha do método foi feita de maneira cuidadosa, considerando sua adequação ao problema de pesquisa e sua capacidade de fornecer respostas claras e objetivas. O desenvolvimento das etapas metodológicas seguiu rigorosamente os preceitos da obra de Lakatos e Marconi (2003), garantindo a validade e a confiabilidade do trabalho realizado.

A metodologia aplicada ao estudo possibilitou uma abordagem estruturada e sistemática, assegurando que os objetivos fossem atingidos de maneira eficaz. Cada etapa desempenhou um papel essencial na construção do conhecimento, contribuindo para a produção de um trabalho científico que se destaca tanto pela profundidade quanto pela relevância acadêmica.

4 Resultados e discussões

A pesquisa bibliográfica realizada abordou diversos aspectos fundamentais para a compreensão do ensino de Inglês como terceira língua para alunos surdos, enfatizando a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua intermediária. A seguir, apresento os principais resultados e discussões sobre os temas abordados.

A Libras desempenha um papel crucial na educação de surdos, especialmente no contexto do aprendizado de uma terceira língua, como o Inglês. Ao atuar como língua

intermediária, a Libras facilita a compreensão de conceitos complexos e promove uma melhor assimilação do conteúdo. A pesquisa indica que quando a Libras é utilizada para explicar estruturas gramaticais e vocabulário em inglês escrito, os alunos surdos conseguem estabelecer conexões mais claras entre as línguas, favorecendo o processo de aprendizagem.

A análise das leis federais, especialmente a Lei Federal n.º 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, mostra-se fundamental para a inclusão dos surdos no sistema educacional. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece que todos têm direito à educação de qualidade, reforçando a necessidade de adaptar currículos e materiais didáticos para atender às especificidades dos alunos surdos.

O aprendizado de uma língua estrangeira pode ser desafiador para alunos surdos devido à diferença nos modos de aquisição linguística. A pesquisa revela que é necessário adaptar métodos tradicionais de ensino que normalmente se baseiam na audição e fala. O foco deve estar na compreensão visual e na interpretação contextual, utilizando recursos visuais e táteis que favoreçam a aprendizagem efetiva.

Um dos principais desafios identificados na pesquisa é a escassez de materiais didáticos adaptados especificamente para surdos. Muitos recursos disponíveis não consideram as necessidades únicas desse público, limitando suas oportunidades de aprendizado. Portanto, é essencial investir na criação e desenvolvimento de materiais acessíveis que sejam adaptados ao contexto dos alunos surdos.

A criação de materiais didáticos acessíveis é vital para o ensino eficaz do Inglês como terceira língua para surdos. Isso inclui livros didáticos com ilustrações claras, vídeos com interpretação em Libras e atividades interativas que estimulem o aprendizado colaborativo entre os alunos surdos e ouvintes. O desenvolvimento desses recursos deve envolver educadores especializados em educação bilíngue e profissionais da área da surdez.

A interação entre alunos surdos e falantes nativos do inglês desempenha um papel essencial no desenvolvimento das habilidades linguísticas, especialmente em contextos reais de comunicação. Estudos indicam que essa conexão deve ser fortalecida por meio de produções escritas, como conversas em *chats*, fóruns *on-line* e trocas de mensagens em plataformas digitais. Essas interações promovem um ambiente dinâmico de aprendizado, permitindo que os alunos surdos pratiquem a língua inglesa de maneira significativa e contextualizada. Além disso, parcerias com instituições que incentivam esse tipo de intercâmbio podem ampliar as oportunidades de contato com falantes nativos, garantindo uma aprendizagem enriquecedora e acessível.

Por fim, uma abordagem que se concentra na compreensão e interpretação das línguas em vez da prática auditiva é essencial para o sucesso no ensino do inglês como terceira língua aos surdos. Essa abordagem deve incluir o uso de atividades visuais, dramatizações e jogos educativos que estimulem a participação ativa dos alunos.

Os resultados desta pesquisa bibliográfica destacam a importância da integração da Libras no ensino do Inglês como terceira língua para alunos surdos, além da necessidade urgente de desenvolver materiais didáticos adaptados às suas necessidades específicas. As legislações vigentes fornecem um suporte fundamental para garantir a inclusão desses estudantes no sistema educacional, enquanto práticas inovadoras podem promover um ambiente eficaz para o aprendizado linguístico. Para avançar nessa área, é imprescindível continuar investindo em formação docente especializada e na criação de recursos educacionais inclusivos que atendam à diversidade dos alunos surdos.

Referências

BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, v. 142, n. 246, p. 28, de 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, v. 139, n. 79, p. 23, de 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, v. 134, n. 248, p. 1, de 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 abr. 2025.

BERTHIER, F. **Les sourds-muets, avant et depuis l'abbé de L'Épée**. Paris, FR: Ledoyen, 1845.

CANAGARAJAH, S.; LIYANAGE, I. Lessons from pre-colonial multilingualism. *In*: MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (eds.). **The Routledge handbook of multilingualism**. London: Routledge, 2012.

FERNANDES, E.; RIOS, K. R. Educação com bilinguismo para crianças surdas. São Paulo: Intercâmbio (PUCSP), 1998.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MICCOLI, L. S. Autonomia na Aprendizagem de Língua Estrangeira. *In*: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

Data de submissão: 22 de abril de 2025

Data de aceite: 28 de maio de 2025